

De variiegadas maneiras, a partir de múltiplos lugares de pensamento, discutindo a ética e reformando seus pressupostos, tocando perigosamente as fronteiras da moral, das morais, a literatura é, entre muitos outros aspectos que a caracterizam, eminentemente política. A construção recém-formulada é um truísmo, posto que o conjunto de produções culturais que se intitula como literatura é vida na pólis, discutida por suas mulheres e seus homens: política.

O truísmo é, paradoxalmente, polêmico, posto que o gesto político pode constranger no literário suas também intrínsecas ambiguidade e “complicação”, palavra com que Ruy Belo nomeia um dos traços centrais da experiência poética.

Talvez possamos descrever tal complexidade através de uma feliz formulação usada num dos presentes ensaios, o mais panorâmico entre todos, assinado por Cândido Oliveira Martins: a palavra literária é sempre (não pode deixar de ser sempre) um “pronunciamento actual” – mesmo quando (novo paradoxo) exprime a sua condição intempestiva. O próprio afastamento do que designamos como contemporâneo é, na verdade, também uma das condições que nos permite apropriar-nos da experiência que a literatura descreve e, nesse sentido, fazê-la nossa: atualizá-la.

Este número da revista *Abril* dedica-se precisamente à relação entre literatura e política, ou melhor, a muitas e várias formas, na literatura portuguesa e nas literaturas africanas de língua portuguesa, de a literatura praticar, discutir, problematizar, acolher o gesto político. A prosa de ficção dedicada a estabelecer vínculos críticos, no limite revolucionários, com experiências de opressão, seja o fascismo, a dominação colonial ou a condição do feminino, é privilegiada na maior parte dos textos. Todos esses ensaios realizam o movimento de procurar perceber como as obras contempladas, ou os panoramas postos em questão, redefinem o literário em suas variadas relações com o real, cujo caráter histórico é inegável. Nesse sentido, pensar literatura e política implica pensar a relação que a literatura estabelece com a história e também com o discurso sobre a história, encontrando, a ficção,

um lugar próprio, menos descritivo e, por vezes, mais utópico, por vezes deflagradamente distópico, não raro estupefato diante de um mundo que não deixa de ser composto de mudança, portanto inagarrável pelo texto literário – que, por sua vez, também se muda.

A poesia também comparece à *Abril 14*, pois também se faz política em versos, inclusive, para surpresa de alguns, em alguns de Fernando Pessoa, e chegando a autores como Nuno Guimarães. No espaço das resenhas, é a poesia que merece leituras rentes ao texto; uma delas dedica-se ao mais recente livro de Herberto Helder, *A morte sem mestre*, o último, agora sabemos, lançado em vida pelo poeta. Que seja uma homenagem a Herberto tanta poesia nessa seção desta *Abril*, que conta também com uma entrevista de Eduardo Lourenço: o grande pensador discute os Modernismos que tiveram lugar em Portugal e no Brasil, ponto de contato e profundas distinções.

Está entregue ao mundo a *Abril 14*, o que não deixa de ser um gesto cheio de vontade política. Que estes textos possam criar ideias, causar atritos e mover a pólis.

*Niterói, abril de 2015*

*Luis Maffei*

*Helena Buescu*

*Organizadores*